

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Orphan's Tale*

Autora: *Pam Jenoff*

Copyright © 2017 by Pam Jenoff

Edição portuguesa publicada por acordo com Harlequin Books S.A.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Ana Saldanha*

Revisão: *Carlos Jesus / Editorial Presença*

Design da capa © 2017 by Harlequin Books S.A.

Design da capa reproduzido sob acordo com Harlequin Books S.A. ® e ™ são marcas registadas detidas por Harlequin Books S.A. ou empresas associadas, reproduzidas sob autorização

Imagens da capa: *Trevillion e iStockphoto*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, abril, 2018

Depósito legal n.º 438 721/18

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução de toda ou parte da obra sob qualquer forma ou meio.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produto da imaginação da autora ou usados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou lugares é pura coincidência.

1

Noa

Alemanha, 1944

É um som ténue, parecido com o zumbido das abelhas que uma vez perseguiram o meu pai pela quinta e fizeram com que ele passasse uma semana coberto de ligaduras.

Pouso a escova com que estava a esfregar o chão, noutros tempos de um mármore elegante, e agora, nos sítios onde as botas o estalaram, coberto de linhas finas de lama e cinza que nunca desaparecerão. Sigo a direção do som e atravesso a estação, passando por baixo do letreiro que anuncia em grandes letras pretas: Bahnhof Bensheim. Um grande nome para um espaço que se resume a uma sala de espera com duas casas de banho, uma bilheteira e uma banca que vende salsichas, quando há carne e o tempo não está muito mau. Baixo-me para apanhar uma moeda que vejo debaixo de um dos bancos e meto-a no bolso. Fico sempre espantada com as coisas de que as pessoas se esquecem ou que deixam ficar.

Lá fora, a minha respiração sai em baforadas para o ar da noite de fevereiro. O céu é uma colagem de marfim e cinzento, ameaçando mais neve. A estação fica no fundo de um vale rodeado em três lados por montes cobertos de pinheiros, cujas pontas aguçadas espreitam por cima dos ramos revestidos de neve. No ar há um ligeiro cheiro a queimado. Antes da guerra, Bensheim era apenas mais uma paragem em que a maioria dos passageiros nem sequer reparava. Mas os alemães gostam de aproveitar tudo,

ao que parece, e a localização é boa para estacionar comboios e desligar os motores durante a noite.

Estava aqui há quase quatro meses. No outono não foi assim tão mau, e fiquei contente por arranjar um teto depois de ter sido corrida com comida para dois dias, ou três se a esticasse. O lar de raparigas onde vivi depois de os meus pais descobrirem que eu estava grávida e me porem fora de casa ficava longe de tudo, em nome da discricção, mas podiam ter-me deixado em Mainz ou, pelo menos, na cidade mais próxima. No entanto, limitaram-se a abrir a porta e a mandar-me embora a pé. Segui em direção à estação de comboios, sem me aperceber de que não tinha para onde ir. Durante os meses em que estive fora de casa, pensei em voltar e pedir perdão. Não que eu fosse demasiado orgulhosa. Ter-me-ia até posto de joelhos, se achasse que isso serviria de alguma coisa. Mas sabia, pela fúria nos olhos do meu pai no dia em que me obrigou a sair de casa, que o coração dele se tinha fechado. Eu não conseguiria suportar a rejeição mais uma vez.

No entanto, por sorte, a estação estava a precisar de uma empregada de limpeza. Espreito para as traseiras do edifício e olho para o minúsculo espaço onde durmo num colchão no chão. O vestido de grávida é o mesmo que estava a usar no dia em que saí de casa, só que agora a parte da frente está lisa e fica-me grande de mais. É claro que esta situação não se vai manter para sempre. Hei de arranjar um trabalho como deve ser — um trabalho onde ganhe mais do que o que dá para comprar um pão sem muito bolor — e uma casa decente.

Vejo-me no vidro da janela da estação. Tenho um aspeto absolutamente normal, cabelo loiro que no verão fica quase branco e olhos azul-claros. Noutros tempos, este meu aspeto «normal» incomodava-me; aqui é uma vantagem. Os outros dois empregados da estação, a rapariga da bilheteira e o homem do quiosque, vêm trabalhar e voltam para casa todas as noites, e quase não falam comigo. Os passageiros atravessam a estação com a edição diária do *Der Stiirmer* entalada debaixo do braço, deitam as beatas para o chão e não querem saber quem eu sou nem donde vim. Sinto-me só, mas preciso que seja assim. Não posso responder a perguntas sobre o passado.

Não, não reparam em mim. Mas eu vejo-os, aos soldados de licença e às mães e às mulheres que todos os dias vêm, cheias de esperança, perscrutar a gare à procura de um filho ou de um marido e depois se vão embora sozinhas. Percebe-se sempre quem é que vai tentar fugir. Tentam fazer um ar normal, como se estivessem de férias. Mas têm a roupa demasiado apertada por causa das camadas que trazem por baixo, e carregam sacos tão cheios que parecem prestes a rebentar a qualquer momento. Não olham a direito para ninguém e apressam os filhos, sempre com o rosto pálido e tenso.

O zumbido torna-se mais audível e mais agudo. Vem do comboio que ouvi guinchar há pouco e que agora está estacionado na última linha. Avanço nessa direção, passando pelos vagões de carvão quase vazios, com a sua carga enviada há muito para os exércitos que combatem a leste. Talvez alguém tenha deixado um motor ou outra máquina qualquer a trabalhar. Não quero que me acusem de nada, e arriscar-me a perder o emprego. Apesar da dureza da situação em que me encontro, sei que podia ser ainda pior — e que sou uma felizarda por estar aqui.

Felizarda. A primeira vez que ouvi isto foi da boca de uma alemã idosa, que partilhou comigo um bocado de arenque na camioneta para Haia, depois de eu ter deixado os meus pais. — És o ideal ariano — disse-me ela, por entre as dentadas no peixe, enquanto serpenteávamos por desvios e estradas cheias de buracos.

Pensei que ela estava a brincar; eu tinha cabelo loiro liso e um nariz pequenino. Era bem constituída — atlética, até ter começado a perder músculo e a ficar curvilínea. Tirando as palavras que o alemão me tinha sussurrado ao ouvido durante aquela noite, sempre me achara uma pessoa sem nada de especial. Mas, naquele momento, aquela mulher dizia-me que eu era como devia ser. Dei comigo a confidenciar-lhe que estava grávida e que tinha sido expulsa de casa. Ela disse-me para ir a Wiesbaden e escreveu um papel a dizer que eu estava grávida de um soldado do Reich. Peguei no papel e lá fui. Nem me passou pela cabeça se seria perigoso ir para a Alemanha ou se deveria recusar. Havia quem quisesse crianças como a minha. Os meus pais prefeririam morrer a aceitar ajuda

dos alemães. Mas a mulher disse que me dariam abrigo; não podia ser assim tão mau. E eu não tinha mais para onde ir.

Era uma felizarda — disseram-me mais uma vez, quando cheguei ao lar das raparigas. Apesar de ser holandesa, era considerada de raça ariana, e o meu filho — que, se assim não fosse, teria de passar pela vergonha de ser um *unebeliches Kind*, concebido fora do casamento — poderia ser aceite pelo programa Lebensborn e criado por uma boa família alemã. Passei lá quase seis meses, a ler e a ajudar nas tarefas domésticas, até a minha barriga se tornar demasiado grande. As instalações, não sendo extraordinárias, eram modernas e asseadas, próprias para dar à luz bebés saudáveis para o Reich. Travei conhecimento com uma rapariga corpulenta chamada Eva, mais avançada alguns meses na gravidez, mas uma noite ela acordou encharcada em sangue e foi levada para o hospital. Nunca mais a vi. Desde aí, não voltei a dar-me com mais ninguém. Nenhuma de nós ficaria lá muito tempo.

A minha hora chegou numa manhã fria de outubro, quando, ao me levantar da mesa depois do pequeno-almoço no lar das raparigas, me rebentaram as águas. As dezoito horas seguintes foram uma névoa de dores horríveis, intervaladas por algumas ordens, sem uma única palavra que me encorajasse nem um gesto que me acalmasse. Por fim, o bebé saiu com um gemido, e todo o meu corpo se arrepiou com a sensação de vazio, como uma máquina a ser desligada. Estampa-se uma expressão estranha no rosto da enfermeira.

— O que foi? — perguntei. Eu não devia ver a criança. Mas venci as dores e sentei-me. — Há algum problema?

— Está tudo bem — garantiu-me o médico. — É um bebé saudável. — Mas falava num tom perturbado, e o rosto atormentado atrás dos óculos de lentes grossas que eu via por cima do lençol branco. Inclinei-me para a frente e vi dois olhos penetrantes da cor de carvão a fitarem os meus.

Aqueles olhos não eram arianos.

Foi então que compreendi o desconforto do médico. O bebé não parecia nada ser da raça perfeita. Um qualquer gene escondido, meu ou do alemão, tinha-lhe dado olhos pretos e pele morena. Não seria aceite no programa Lebensborn.

O meu bebé soltou um grito, bem sonoro e agudo, como se tivesse ouvido o seu destino e estivesse a protestar. Apesar das dores, estendi os braços para ele. — Quero pegar nele.

O médico e a enfermeira, que tinham estado a registar informações sobre a criança num impresso qualquer, trocaram um olhar inquieto. — Nós não... quer dizer, o programa Lebensborn não autoriza isso.

Esforcei-me por me sentar. — Então vou-me embora e levo-o comigo. — Estava a fazer *bluff*; não tinha para onde ir. Para me deixarem ficar no lar, assinara uns documentos a prescindir dos meus direitos, havia guardas no hospital... Mal conseguia andar. — Por favor, deixem-me pegar nele só por um segundo.

— *Nein*. — A enfermeira abanou a cabeça categoricamente e saiu da sala, enquanto eu continuava a implorar.

Quando ela desapareceu, houve qualquer coisa na minha voz que levou o médico a ceder. — Só por um momento — disse ele, entregando-me o bebé com relutância. Olhei para a carinha corada, inspirei o cheiro delicioso da sua cabeça, um pouco deformada por tantas horas de esforço para nascer, e fixei os meus olhos nos dele. Uns olhos tão lindos. Como é que uma coisa tão perfeita podia não corresponder ao ideal deles?

Mas ele era meu. Uma onda de amor ergueu-se e abateu-se sobre mim. Não quisera aquele filho, mas, naquele momento, todo o arrependimento desapareceu e só o amor ficou no seu lugar. Estava mergulhada num misto de pânico e alívio. Assim, não iam querê-lo. Teria de o levar para casa, porque não havia outra alternativa. Ia ficar com ele, havia de arranjar uma maneira...

Mas, depois, a enfermeira voltou e arrancou-o dos meus braços.

— Não, espere — protestei. Ao debater-me para conseguir agarrar o meu bebé, senti algo aguçado picar-me no braço. Senti a cabeça a andar à roda. Umhas mãos empurraram-me para me deitar na cama. Desfaleci, ainda a ver aqueles olhos pretos.

Acordei sozinha na sala de parto fria e estéril, sem o meu filho, sem marido, sem mãe, até sem uma enfermeira, como se fosse um recipiente vazio que já ninguém queria. Mais tarde disseram-me que ele tinha ido para uma casa boa. Não tinha maneira de saber se estavam a dizer a verdade.

Engulo para combater a secura da minha garganta e afastar as recordações. Depois, saio da estação para o ar frio e cortante, aliviada por não ver em lado nenhum os *Schutzpolizei des Reiches*, os desprezíveis polícias do Estado que patrulham a estação. Provavelmente, estão a proteger-se do frio dentro da carrinha, a beber. Olho com atenção para o comboio à procura do sítio de onde vem o zumbido. Vem da última carruagem, a que está acoplada ao vagão — e não do motor. Não, o ruído vem de qualquer coisa que está dentro do comboio. De qualquer coisa com vida.

Paro. Faço questão de nunca me aproximar dos comboios, de desviar os olhos quando vão a passar — porque transportam judeus.

Ainda vivia em casa, na nossa aldeia, na primeira vez que vi o triste grupo de homens, mulheres e crianças na praça do mercado. Corri para junto do meu pai, a chorar. Ele era um patriota e fazia frente a tudo — porque não àquilo? — É terrível — admitiu ele, por entre as suas barbas grisalhas, manchadas de amarelo pelo fumo do cachimbo. Limpou-me as lágrimas da cara e deu-me uma vaga explicação sobre as diversas formas de lidar com os problemas. Mas essas diversas formas não tinham impedido que a minha colega Steffi Klein fosse obrigada a ir para a estação de comboios com o irmão mais novo e os pais, com o mesmo vestido que tinha usado um mês antes, no dia dos meus anos.

O som continua a aumentar, é quase de aflição, como o de um animal ferido no meio das silvas. Olho para a gare vazia e espreito para a cerca da estação. Será que os polícias também estão a ouvir o ruído? Fico parada na berma da plataforma, hesitante, perscrutando os carris desertos que me separam da carruagem. Devia afastar-me. Sempre de olhos no chão, era a lição dos anos de guerra. Meter-se na vida dos outros nunca traz nada de bom. Se for apanhada a meter o nariz em sítios da estação onde não devo estar, sou despedida, fico sem teto, talvez até seja presa. Mas nunca tive jeito para não olhar. Demasiado curiosa, dizia a minha mãe quando eu era pequena. Sempre precisei de saber. Dou um passo em frente, sem conseguir ignorar o som que, à medida que me vou aproximando, começa a parecer um choro.

Também não consigo ignorar o pé pequenino que se vê pela porta entreaberta da carruagem.

Abro a porta. — Oh! — A minha voz ecoa perigosamente na escuridão, fazendo-me correr o risco de ser detetada. São bebês, corpos pequeninos, tantos que não consigo contá-los, apinhados uns em cima dos outros no chão coberto de palha da carruagem. A maioria não se mexe, e não sei se estão mortos ou a dormir. Da quietude do lugar saem choros confrangedores, misturados com arquejos e gemidos, que fazem lembrar balidos de cordeiros.

Agarro-me ao lado da carruagem, respirando a custo perante o muro de urina e fezes e vomitado que se ergue à minha frente. Desde que vim para cá, tenho tentado manter-me relativamente insensível às imagens, como se fossem um pesadelo ou um filme que jamais poderia ser real. Mas isto é diferente. Tantos bebês, sozinhos, arrancados dos braços das mães. Começo a sentir uma ardência na barriga.

Fico ali, parada, impotente, chocada, a olhar para a carruagem. Onde vêm estes bebês? Devem ter acabado de chegar, porque não aguentariam muito tempo esta temperatura gelada.

Há meses que vejo passar comboios em direção a leste, com pessoas onde devia estar gado ou sacos de trigo. Apesar do horror desse transporte, fui dizendo para mim própria que deviam ir para um acampamento ou uma aldeia, só para ficarem todos no mesmo sítio. A ideia que eu tinha era um pouco nebulosa, uma imagem de um sítio com cabanas ou tendas, como o parque de campismo junto ao mar, a sul da nossa aldeia na Holanda, para as pessoas que não tinham dinheiro para umas férias a sério ou que preferiam algo mais rústico. Realojamento. Perante aqueles bebês mortos e moribundos, no entanto, vejo a imensidão da mentira.

Olho de relance por cima do ombro. Há sempre guardas nos comboios que transportam pessoas. Mas não está aqui nenhum — pura e simplesmente porque os bebês não podem fugir.

O bebé que está mais perto de mim tem a pele cinzenta e os lábios azuis. Tento retirar a fina camada de geada que lhe cobre as pestanas, mas ele já está hirto e morto. Retiro rapidamente a mão e observo os outros. Quase todos os bebês estão nus ou embrulhados apenas numa manta ou num trapo, despojados de tudo o que poderia protegê-los deste frio cruel. A meio da carruagem, duas

botinhas perfeitas, rosa-pálido, estão levantadas no ar, rígidas, nos pés de um bebé que está nu. Alguém teve o cuidado de tricotar as botinhas, malha a malha. Escapa-se-me dos lábios um soluço.

Vejo uma cabeça a espreitar por entre as outras. O rosto, em forma de coração, está coberto de palha e fezes. O bebé não parece ter dores nem estar aflito, mas tem uma expressão intrigada, como que a dizer «Mas que raio estou eu a fazer aqui?». Há nele qualquer coisa de familiar: uns olhos negros como carvão, que parecem trespassar-me, tal e qual como no dia em que dei à luz. Sinto um aperto no coração.

De repente, o rosto do bebé enrugá-se, e ele começa a chorar. As minhas mãos disparam, tentando chegar a ele por cima dos outros e agarrá-lo antes que alguém o ouça. Não consigo, e ele chora ainda mais alto. Tento subir para a carruagem, mas os bebés estão tão amontoados que não consigo, com medo de pisar algum. Já em desespero, estico de novo os braços e, desta vez, chego lá. Pego no bebé, que continua a chorar e que eu tenho de conseguir calar. Tiro-o da carruagem e sinto a sua pele gelada, nua à exceção de uma fralda suja.

O bebé que tenho nos meus braços, só o segundo em que alguma vez peguei, parece acalmar-se, apoiado na curva do meu braço fletido. Será possível que seja o meu filho, a ser-me devolvido pelo destino ou pelo acaso? Os seus olhos fecham-se e a cabeça descai-lhe. Não sei se está a dormir ou a morrer. Aperto-o contra mim e começo a afastar-me do comboio. Depois, volto-me para trás: se alguma das outras crianças ainda estiver viva, a sua única hipótese serei eu. Devia tirar mais de lá.

Mas o bebé que está nos meus braços começa outra vez a chorar, num som agudo que atravessa o silêncio. Tapo-lhe a boca e volto para a estação a correr.

Aproximo-me do cubículo onde durmo. Paro à porta e olho à minha volta, completamente desesperada. Não tenho ali nada. Vou antes para a casa de banho das senhoras, cujo habitual cheiro a humidade nem se nota, depois da carruagem. No lavatório, tiro a sujidade da cara do bebé com um dos trapos que uso nas limpezas. O bebé já está mais quente, mas tem dois dedos dos pés azulados e não sei se irá ficar sem eles. Onde terá vindo?

Abro a fralda suja. É um menino, como o meu. Agora mais de perto, vejo que o seu pequeno pénis é diferente do do alemão e do do garoto que me mostrou o dele na escola, quando eu tinha sete anos. Circuncidado. Uma vez, a Steffi tinha-me dito essa palavra, enquanto me explicava o que tinham feito ao seu irmão mais novo. O menino é judeu. Não é o meu.

Dou um passo atrás, quando começo a compenetrar-me da realidade que já sabia: não posso ficar com um bebé judeu, nem com bebé nenhum, sozinha e a ter de limpar a estação doze horas por dia. O que é que me passou pela cabeça?

O bebé começa a voltar-se de lado no parapeito junto ao lavatório onde o deixei. Dou um salto e apanho-o antes de ele cair para o chão duro, de mosaicos. Não estou habituada a bebés e seguro-o com os braços esticados, como se ele fosse um animal perigoso. Mas ele inclina-se para a frente, a querer encostar a cara ao meu pescoço. Sem jeito nenhum, faço uma fralda com outro trapo e saio da casa de banho para voltar para a carruagem. Tenho de tornar a pô-lo no comboio, como se nada disto tivesse acontecido.

Na beira da plataforma, fico como que paralisada. Um dos guardas vai a andar ao longo dos carris, impedindo-me de voltar para o comboio. Olho desesperadamente em todas as direções. Perto de um dos lados da estação está uma carrinha do leite, com grandes vasilhas na parte de trás. Impulsivamente, encaminho-me para ela. Meto o bebé dentro de uma das vasilhas vazias, tentando não pensar no gelo do metal contra a sua pele. Ele não emite nenhum som, apenas olha para mim com um ar desamparado.

Escondo-me atrás de um banco e ouço a porta da carrinha a bater. Partirá daqui a nada, levando o bebé.

E ninguém saberá o que eu fiz.